

Livro de batismo. São Leopoldo: Oikos, 2008.

10. Outro importante marco de referência para a prática batismal de uma igreja luterana em nossos dias é a igreja antiga.

Para uma melhor compreensão de sua prática batismal, é útil dividir o tempo da igreja antiga em duas épocas, a pré e a pós-constantiniana.

Batismo na época pré-constantiniana

Esta secção baseia-se especialmente na *Tradição apostólica* de Hipólito de Roma (ano de 215), a qual reflete uma prática usual na comunidade cristã de Roma, a partir de fins do século 2.

Constantino foi o primeiro imperador romano que se converteu ao cristianismo. No período que precedeu esse imperador (até aproximadamente o ano de 306), pessoas e comunidades cristãs eram, de tempos em tempos, censuradas, discriminadas e até perseguidas pelo império romano. Ser uma pessoa cristã significava orientar-se e viver a partir de valores e de uma ética destoantes daqueles da sociedade circundante. E isso não estava isento de riscos. Preocupada com esse fato, a Igreja foi desenvolvendo um tempo de forte preparação para as pessoas que desejavam ser batizadas, buscando integrar-se à comunidade cristã. Na época de Justino de Roma (primeira metade do século 2), por exemplo, essa preparação consistia em uma paulatina introdução no modo de vida das cristãs e dos cristãos, acompanhada de instruções, jejuns e orações.

Na *Tradição apostólica*, de Hipólito de Roma, encontramos uma descrição detalhada da preparação batismal e do batismo, como vinham sendo praticados em Roma desde o ano de 170. A preparação batismal, chamada *catecumenato*, dividia-se em duas etapas: o catecumenato propriamente dito e aquilo que se denomina o tempo de preparação próximo. Ambas as etapas consistiam basicamente no seguinte:

Para que uma pessoa ingressasse no catecumenato, devia ser postulada e apresentada diante dos catequistas por alguém da comunidade que pudesse responder por ela, um padrinho. Em seguida, essa pessoa era submetida a uma série de perguntas e exames de consciência. Dessa maneira, o catequista procurava conhecer diferentes aspectos que tinham a ver com a vida familiar da pessoa, com a forma de ela ganhar seu sustento e com as motivações que a levavam a postular o batismo. No caso de exercer algum ofício que a envolvesse em atividades imorais, bélicas ou idolátricas, devia abandoná-lo e mudar seu estilo de vida. Ou seja, a pessoa que quisesse ser admitida na igreja precisava adotar uma forma e um estilo de vida considerados cristãos. Uma vez aprovada, essa pessoa postulante entrava no catecumenato e passava a ser um catecúmeno. Essa etapa podia ter até três anos de duração. Durante esse tempo, a pessoa que estava no catecumenato era acompanhada por seu padrinho ou sua madrinha e participava de diferentes atividades da comunidade. Entre elas, do cuidado de pessoas pobres e necessitadas, das celebrações regulares da comunidade (mas não da eucaristia), de reuniões de instrução, as quais se realizavam dentro de um marco litúrgico, e de orações. O conteúdo e a meta das instruções tinham a ver com a aprendizagem e a vivência da fé professada pela Igreja. Especial importância era atribuída aos conteúdos éticos.

Quando a pessoa considerava estar pronta para ser batizada, apresentava-se novamente, junto com seu padrinho ou sua madrinha, poucas semanas antes do batismo (este se realizava normalmente na Páscoa), diante do catequista ou do bispo. Este buscava



Crianças na Ceia do Senhor

saber se o catecúmeno havia vivido com dignidade, se havia honrado as viúvas, visitado os enfermos e praticado boas obras.¹ Ou seja, o que se buscava conhecer era a vida da pessoa e não tanto seus conhecimentos teóricos e doutrinários.

Em seguida, a pessoa entrava no tempo de preparação próximo. Durante essa etapa, realizava-se um aprontamento intensivo para a celebração batismal. Este consistia de exorcismos diários, de instruções sobre o evangelho, de imposições de mãos e de orações. Próximo ao dia do batismo, o próprio bispo realizava o exorcismo e marcava, normalmente com óleo, a fronte, os ouvidos e o nariz, com o sinal da cruz. Na sexta-feira e no sábado santos, as pessoas candidatas ao batismo jejuavam acompanhadas por gente da comunidade. Do sábado para o domingo, permaneciam em vigília, ouvindo leituras e instruções. Finalmente, com o primeiro cantar do galo, dirigiam-se ao lugar onde se localizava a piscina batismal.

A liturgia do batismo propriamente dita desenrolava-se em três etapas: a) a lavagem batismal, b) a imposição das mãos e a unção da fronte, c) a celebração da eucaristia.

A lavagem batismal era acompanhada por uma série de ações: a oração sobre a água, o desvestir-se, a renúncia, a unção com óleo, a entrada na água, a lavagem com profissão de fé, a saída da água e a unção com óleo de ação de graças. Em seguida, os pessoas batizadas se vestiam e dirigiam-se ao lugar onde se encontrava reunida a comunidade. Lá, eram recebidas pelo bispo, que lhes impunha as mãos, untava-lhes a fronte com óleo de ação de graças e lhes dava o ósculo da paz. Oravam, então, com toda a comunidade reunida e partilhavam mutuamente o beijo da paz. Por fim, as pessoas recém-batizadas participavam pela primeira vez da eucaristia. Além do pão e do vinho, recebiam leite e mel.

Observa-se, pois, no processo inteiro do catecumenato, nessa época, que predominava a prática das virtudes cristãs, como forma de preparação para a vida cristã e como fonte de conhecimento. Não importava tanto o conhecimento abstrato e doutrinário, mas antes a vida de participação cristã na comunidade e no mundo. E isso incluía o cuidado e a ajuda às pessoas pobres e necessitadas.

Batismo na época pós-constantiniana

Para este período, baseamo-nos especialmente em Ambrósio de Milão (falecido em 397), Cirilo de Jerusalém (falecido em 386), Crisóstomo de Antioquia (349-407) e no relato sobre a peregrinação de Etéria² (fins do século 4 a inícios do século 5).

O governo do imperador Constantino estendeu-se de 306 a 337. No decorrer da chamada *era constantiniana*, o cristianismo passou a ser não apenas uma religião oficialmente tolerada, mas tornou-se mesmo algo como a religião da moda. Isso trouxe importantes consequências para a Igreja. Entre outras, ocorreram mudanças na prática batismal, em razão de ter aumentado significativamente o número de pessoas que desejavam tornar-se cristãs. Em muitos casos, o desejo de vir a ser cristão ou cristã devia-se mais a razões sociais (p. ex., casamento) e políticas (p. ex., cair nas graças do imperador) do que a motivos de fé. Diante dessa situação, a igreja acentuou as exigências para as pessoas que desejavam ser batizadas, assim como as advertências para a conversão e a penitência. Em razão disso, muitas pessoas postergavam seu batismo até o leito de morte.

¹ HIPÓLITO. Tradição apostólica. In: NOVAK, Maria da Glória (Trad.). *Tradição apostólica de Hipólito de Roma: liturgia e catequese em Roma no século III*. Petrópolis: Vozes, 1971. p. 50.

² ETÉRIA. *Peregrinação de Etéria: liturgia e catequese em Jerusalém no Século IV*. Petrópolis: Vozes, 2004.



Crianças na Ceia do Senhor

Essa situação fez com que o catecumenato deixasse de ser uma etapa de preparação como era durante o período pré-constantiniano. Todo o esforço pedagógico passou a concentrar-se no tempo de preparação próximo, na celebração do batismo propriamente dita e na semana pós-pascal. O ato decisivo para a prática batismal já não era o da admissão ao catecumenato, mas o de registrar-se para o batismo. Para tanto, a pessoa devia apresentar-se, uns 50 dias antes da Páscoa, acompanhada de um padrinho ou de uma madrinha, diante do bispo ou do catequista. Este interrogava-a sobre os motivos que a haviam levado a solicitar o batismo, e sobre diferentes aspectos de sua vida. No começo da época da Paixão, iniciava-se o tempo de preparação próximo. Durante o mesmo, os candidatos e as candidatas participavam de uma série de exercícios (jejuns, orações, penitência) e de instruções catequéticas, e eram submetidos regularmente a exorcismos.

A celebração do batismo ocorria na noite do sábado para o domingo da Páscoa. Assim como no período anterior, ela consistia de: a) a lavagem batismal, b) a imposição das mãos e a unção da fronte, c) a celebração da eucaristia. O desenrolar da celebração era basicamente o mesmo como no período pré-constantiniano, podendo ocorrer alterações conforme a época e o lugar. Observa-se um desenvolvimento intenso e significativo de gestos e ritos. Ênfase era dada a determinadas ações e posturas corporais. Nos exorcismos, os candidatos se ajoelhavam, todos vestidos com o mesmo tipo de tecido; na renúncia e adesão, voltando-se para o ocidente, os candidatos renunciavam às suas velhas amarras, e, olhando para o oriente, aderiam a Cristo.

O que chama a atenção, nesse período, é que determinadas informações relacionadas à celebração do batismo (lavagem, imposição das mãos, unção pós-lavagem e eucaristia) eram dadas apenas depois do evento litúrgico, durante a semana da Páscoa. A entrega dessas informações acontecia nas catequese pós-batismais ou mistagógicas, das quais toda a comunidade participava. Através dessas catequese, o bispo explicava o significado dos diferentes gestos, ritos e ações realizados antes, por ocasião da celebração batismal. As razões dessa prática eram, entre outras, pedagógicas. Fundamentavam-se na convicção de que determinadas aprendizagens se realizam melhor através da vivência do que de explicações teóricas e doutrinárias. Segundo Ambrósio de Milão, para aquelas ações em que as pessoas batizadas eram meras receptoras, ou seja, para o próprio batismo e para a eucaristia, não se recomendava uma catequese prévia, pois esta poderia até mesmo produzir uma compreensão equivocada de tais ações, caso as pessoas viessem a julgar-se conhecedoras dos sacramentos, antes mesmo de tê-los experimentado.³ Cirilo de Jerusalém, por sua vez, dirigindo-se às pessoas recém-batizadas na segunda-feira após o batismo, afirma: “Mas como sei bem que a vista é mais fiel que o ouvido, esperei a ocasião presente, para encontrar-vos, depois desta grande noite, mais preparados para compreender o que se vos fala (...).”⁴

Elementos litúrgicos da práxis batismal na igreja antiga

Exorcismos batismais

A prática dos exorcismos batismais na igreja antiga deve ser interpretada a partir da cosmovisão dualista da época. De acordo com ela, existe, no cosmos, a luta constante entre o anjo da obscuridade (Satanás e seus demônios) e o príncipe da luz (Deus e seus mensageiros), e essa luta se reflete no coração das pessoas. Para serem batizadas, as

³ *Os sacramentos* 1,1 e *Os mistérios* 2.

⁴ *Catequese mistagógica* 1,1.



Crianças na Ceia do Senhor

peessoas precisam libertar-se do poder do anjo da obscuridade, o que só se conseguia de maneira plena através de exorcismos.

Unções

A lista que segue dá uma idéia da variedade de unções vinculadas ao batismo e de suas compreensões, na igreja dos primeiros séculos:⁵

Unção de todo o corpo, antes da lavagem batismal. - É uma unção de exorcismo, cuja função é proteger contra o mal. (*Tradição apostólica*, Crisóstomo de Antioquia, Cirilo de Jerusalém, Ambrósio de Milão)

Unção de todo o corpo, após a lavagem batismal. - É uma unção para o sacerdócio, equivalente à unção de pessoas especiais, como reis e sacerdotes. Esta unção ressalta a pertença a Cristo. (Tertuliano, *Tradição apostólica*)

Unção da fronte, após a lavagem batismal. - É uma unção relacionada ao dom do Espírito Santo. (*Tradição apostólica*)

Unção da fronte com mirra, após a lavagem batismal. - Mirra é uma mistura de óleo de oliva com diferentes substâncias aromáticas. Essa unção simboliza a doação da graça necessária para compreender os segredos de Deus e é entendida como unção real e sacerdotal. (Ambrósio de Milão)

Unção com mirra, após a lavagem batismal. - Manifesta união com Cristo e doação do Espírito Santo. (Cirilo de Jerusalém)

Renúncia e adesão

Antes da lavagem batismal, as pessoas a serem batizadas renunciavam a suas crenças religiosas anteriores (a Satanás e seus servidores), a costumes e práticas que eram considerados indignos. Imediatamente após a renúncia, manifestavam sua adesão a Cristo.

Em certas tradições, sobretudo orientais, o elemento da renúncia e adesão era eloqüentemente dramatizado. Ao manifestar a renúncia a Satanás, as pessoas a serem batizadas voltavam-se para o ocidente. Em alguns casos, sopravam ou cuspiam três vezes (ou executavam outros gestos de repulsa) nessa direção. Em seguida, voltavam-se para o oriente e, com as mãos e os olhos erguidos, expressavam sua adesão a Cristo, proferindo palavras de confiança e de disposição de estar a serviço do Senhor. O ocidente, região onde o sol se põe, era tido como o reino da escuridão, o domínio de Satanás. O oriente, região onde nasce o sol, era relacionado com o lugar onde Jesus nasceu, ressuscitou e ascendeu ao céu, e de onde virá em glória.

Lavagem batismal

Segundo a *Tradição apostólica*, o batismo começava com a oração sobre a água. Em seguida, as pessoas que seriam batizadas se despiam e realizavam a renúncia. Catequistas, diáconos ou diáconas untavam-nas, então, com óleo de exorcismo. Em continuidade, as pessoas entravam na água, acompanhadas de um diácono ou de uma diácona e eram batizadas. Para tanto, quem presidia o batismo lhes impunha as mãos e dirigia-lhes uma

⁵ OSTROWSKI, Carla; MANSK, Erli; KALMBACH, Pedro. Batismo e educação. *TEAR*: liturgia em revista, São Leopoldo, n. 12, p. 8-16, dez. 2003.



Crianças na Ceia do Senhor

pergunta tríplice (Tu crês em Deus Pai ..., em Jesus Cristo ..., no Espírito Santo ... ?). A cada pergunta, as pessoas respondiam “creio” e eram batizadas por imersão. Logo saíam da água, eram untadas com óleo de ação de graças, vestiam-se e entravam na igreja para juntar-se à comunidade. A lavagem batismal era realizada separadamente para mulheres e homens.

Imposição das mãos e unção da fronte

A *Tradição apostólica* descreve o seguinte: depois da lavagem batismal, as pessoas batizadas se uniam à comunidade, onde eram recebidas pelo bispo. Este lhes impunha as mãos, pedindo a Deus que derramasse seu Espírito sobre elas. Em seguida, traçava o sinal da cruz, com óleo, sobre a fronte de cada pessoa batizada. Através dessa unção era acentuada sua relação com o Espírito Santo.

Destaques da prática batismal na Igreja Antiga

A vida cristã, como uma vida a partir de e em resposta à atuação salvífica de Deus em Jesus Cristo, foi, desde o começo, motivo de preocupação pedagógica. Esta, como vimos, não se referia tanto à aprendizagem de conteúdos conceituais, mas tinha a ver, antes, com a participação nas atividades da comunidade (celebrações, o cuidado e o amparo a pessoas necessitadas), com exercícios espirituais (jejum, oração) e com uma conduta de acordo com o que se considerava ser uma vida própria dos cristãos.

Os diversos temas que compõem a compreensão do batismo não permaneciam como uma realidade abstrata que precisava ser explicada em termos doutrinários. Assim, por exemplo, a inclusão no corpo de Cristo e a incorporação à vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo eram experimentadas através da lavagem batismal, da unção pós-lavagem, do ósculo ou abraço da paz, dado pelo bispo e pela comunidade, e da celebração da eucaristia. O perdão dos pecados e o renascimento eram vivenciados pela lavagem batismal. A doação do Espírito Santo era recebida e percebida sensorialmente através da imposição das mãos ou da unção realizada pelo bispo depois da lavagem. Isto quer dizer: a compreensão do significado do batismo (em sentido amplo), e com ele da eucaristia, se dava, em primeiro lugar, através da vivência e não de explicações doutrinárias.

Durante todo o processo, que ia desde a manifestação do desejo de ser batizada até o batismo em si, a pessoa contava com o apoio, o acompanhamento e a orientação de um padrinho ou de uma madrinha. Além disso, em diferentes ocasiões (catequeses, jejuns) a comunidade acompanhava os futuros e as futuras fiéis. Dessa maneira, o tempo de preparação próximo, a própria celebração e as catequeses pós-batismais eram ocasiões em que as pessoas já batizadas continuavam a aprimorar sua formação cristã e rememoravam seu próprio batismo.

25. A confirmação veio a tornar-se requisito para a participação na ceia do Senhor, introduzindo uma separação entre esta e o batismo.

Muito cedo, no ocidente, o ato litúrgico da unção pós-batismal com imposição das mãos veio a ser uma ação reservada ao bispo. No século 5, esse ação passou a ser designada *confirmar*. Como nem sempre havia um bispo disponível para executá-la, essa parte acabou por separar-se do restante da liturgia batismal, sendo gradativamente protelada até que as crianças atingissem 7 anos de idade. Aquele antigo ato de unção com imposição das mãos, ao ser celebrado separadamente, veio a ser entendido como “um sacramento, através do



qual o bispo da igreja confirmava que a pessoa havia sido batizada dentro da doutrina correta”⁶. Os reformadores do século 16 rejeitaram tal sacramento, mas fizeram da confirmação um período de catequese e exame sobre o catecismo, culminando num ato litúrgico. Em algumas liturgias do século 16, “os confirmandos confessavam sua fé e recebiam uma bênção com imposição das mãos e o pedido de que Deus lhes outorgasse a força do Espírito Santo”⁷. Na seqüência dessa evolução, a confirmação tornou-se o que hoje, por vezes, ainda é: requisito para a participação na ceia do Senhor.

27. O empenho pedagógico da comunidade e a confirmação.

Ao assumir a tarefa de batizar, a comunidade toma sobre si uma responsabilidade pedagógica. É a responsabilidade de proporcionar uma educação cristã que possibilite a todas as pessoas viver a partir de seu batismo. É a responsabilidade de oferecer um processo de aprendizagem que ajude as pessoas a vivenciar diariamente cada um dos significados do seu batismo. Não se trata apenas de preparar a candidata ou o candidato, ou, no caso de bebês, de preparar pais, padrinhos e madrinhas, para o batizado. Trata-se, também, de acompanhar as pessoas posteriormente e acompanhá-las de modo muito especial.

Essa educação cristã a partir do batismo não é um ato pontual que se dê por concluído em algum momento da vida. Ela não pode limitar-se a uma certa idade ou a um grupo determinado. Também não pode restringir-se à mera transmissão de conhecimentos bíblico-teológicos, eclesiológicos, confessionais. Essa educação cristã é uma educação constante, permanente. Ela busca as pessoas desde a mais tenra idade e acompanha-as da infância até o fim da vida, ajudando-as a reconhecer e a assumir a abrangência do seu batismo e a viver o dia-a-dia de acordo com ele. É aprendizado na vivência da fé, do batismo até o fim da vida.⁸

Quanto à atual confirmação⁹, levantam-se na reflexão batismal recente as seguintes sugestões: entender e praticar esse período de instrução dentro do contexto abrangente de uma educação cristã continuada que se estende por toda a vida; abandonar a designação *confirmação*, devido ao seu duplo significado¹⁰; devolver a unção pós-batismal com a imposição das mãos à liturgia batismal e celebrar a profissão de fé dos e das jovens dentro de um culto comunitário de recordação do batismo; dá-se por entendido que a conclusão de tal período catequético não pode permanecer como condição para participar na mesa do Senhor.

36. É preciso recuperar a inteireza do rito batismal.

Sob o postulado da inteireza do rito abrigam-se os seguintes aspectos:

- todo o colorido buquê de significados do batismo, que encontramos no Novo Testamento (ver item 9.) precisa estar presente na liturgia batismal;
- elementos como a renúncia ao domínio do mal e a imposição das mãos com a outorga do Espírito Santo não deveriam faltar na liturgia batismal;

⁶ KALMBACH, 2005, p. 296.

⁷ Ibid., p. 297.

⁸ Em seu livro já mencionado, Pedro Kalmbach desenvolveu esse tópico em profundidade, no capítulo VI, que tem por título *Consecuencias para el actuar pedagógico de comunidades cristianas desde una perspectiva bautismal*. KALMBACH, 2005, p. 235 - 270.

⁹ eia mais sobre a confirmação no item 25.

¹⁰ O mesmo termo designa um ato litúrgico (a unção pós-batismal com imposição das mãos) e um período de instrução das e dos jovens, culminando numa celebração de profissão de fé.



Crianças na Ceia do Senhor

- também não deveria faltar a grande oração de ação de graças, chamada *oração das águas*, com a devida epiclese batismal;
- a ceia do Senhor é parte essencial da liturgia batismal e não deveria ser excluída;
- forçosamente tudo isso resulta na admissão de crianças à ceia, seja qual for sua idade ou capacidade de percepção, porque para participar da ceia do Senhor, basta que a pessoa seja batizada.

